

## INSPIRAÇÃO CANGAÇO 2017

*Inspiration cangaço 2017*

Wanderley, Ingrid Moura; Doutora; Universidade Federal de Campina Grande;  
ingridmwy@gmail.com<sup>1</sup>

**Resumo:** O cangaço é um tema verdadeiramente fascinante e ao mesmo tempo intrigante. Tem a figura de Lampião como maior ícone, misto de herói e bandido. Sua rica história mistura fatos reais e imaginário popular, cativando e seduzindo pesquisadores, historiadores ou simples apaixonados pelo tema. Esse artigo é parte de uma pesquisa de conclusão de curso de especialização em moda e criação, com objetivo específico de olhar para o cangaço como rica ferramenta de pesquisa e criação.

**Palavras chave:** Cangaço; lampião; sertão nordestino.

**Abstract:** Cangaço is a truly fascinating and at the same time intriguing subject. It has the figure of Lampião like greater icon, mixed of hero and villain. Its rich history blends real facts and popular imagery, captivating and seducing researchers, historians or simple subject-lovers. This article is part of a research realized for conclusion of a specialization in fashion and creation, with the specific objective of looking at the cangaço as a rich research and creation tool.

**Keywords:** Cangaço; lampião; northeastern backwoods.

### Introdução

‘Como ninguém ignora, na minha pátria natal, ser cangaceiro é coisa mais comum e natural; por isso herdei de meu pai esse costume brutal...’ (Francisco das Chagas Batista, A historia de Antônio Silvino, 1907). Iniciando com uma breve consideração, confesso que, como nordestina, esse tema do cangaço começou a incomodar-me e ao mesmo tempo encantar-me, no final de 2001. O objeto “cangaço”, além de integrar minha cultura pernambucana,

---

<sup>1</sup> Professora visitante da Unidade Acadêmica de Design da Universidade Federal de Campina Grande, doutora em arquitetura e urbanismo (FAU-USP), mestre em arquitetura e urbanismo (IAU-USP), com especialização em moda e criação (FASM) e graduação em desenho industrial-projeto de produto (UFPE), designer de artefatos e joias contemporâneas artesanais.

perpassa lembranças da minha infância. Quando criança, muitas vezes, escutei meu avô paterno contar histórias de Lampião e dançar xaxado<sup>2</sup>. Por outro lado, minha avó materna contava sua versão da época que vivia com temor dos ataques de Lampião e seu bando, quando ela morava em Triunfo, sertão de Pernambuco.

Muitas histórias sobre o cangaço não foram confirmadas, devido ao grande alvoroço que sempre se fez sobre os cangaceiros. Muitas informações foram obtidas através de depoimentos orais de pessoas que viveram na época e outras resgatadas de se ouvir falar.

Esse trabalho tem como objetivo geral descrever o cangaço, contextualizando e sintetizando seu modo de vida. A questão focal que delimita este artigo traz o tema do cangaço como rica fonte de inspiração e pesquisa.

Assim, trata-se de uma revisão bibliográfica sobre o tópico. O objeto tratado é basicamente a historiografia do cangaço, seu modo de vida nômade ambientado no sertão nordestino.

A pesquisa incluiu também o depoimento/conversa com o pesquisador e historiador Frederico Pernambucano de Mello, estudioso do cangaço, grande incentivador de projetos sobre o cangaço e autor de vários livros sobre o assunto. Sua mais recente publicação é “Estrelas de couro: a estética do cangaço” de 2012, onde mais uma vez o autor apresenta a riqueza da cultura nordestina centrada no cangaço, nos trajes dos cangaceiros. Trata-se de uma linda coletânea com alta qualidade de textos e imagens, onde descreve e analisa todo o traje do cangaceiro.

No entanto, quero deixar claro que este artigo talvez seja uma tentativa de retomar a área de estudos sobre a moda e suas derivações. Em certos aspectos, percebo na moda uma rica e atraente área de estudos, além do que, considero atual e necessária a inter-relação de áreas do conhecimento, entre as quais destaco moda e design.

---

<sup>2</sup> Xaxado é uma dança típica masculina originada no sertão pernambucano e executada em círculo, em fila indiana, avançando-se o pé direito em movimentos laterais e puxando-se o esquerdo, deslizando-o. Fonte: [www.dicio.com.br](http://www.dicio.com.br)

## Cangaço

A palavra cangaço origina-se de canga, o conjunto de arreios que amarram o boi ao carro de boi. É provável que esse nome tenha surgido porque os bandoleiros usavam as espingardas a tiracolo ou com as correias cruzadas no peito, lembrando a canga do boi.

O termo CANGAÇO define todo aparato que ornamenta a vestimenta do cangaceiro (bornais, armamentos, munição, comidas, roupas, dinheiro, etc.) que o mesmo levava consigo e jamais se desfazia deles nem nos momentos mais tranquilos, salvo na hora do banho, quando tinha essa oportunidade. Era comum ao cangaceiro, dormir e até mesmo 'namorar' totalmente paramentado com aqueles apetrechos, pois, sabia, a qualquer hora poderia estar sendo atacado pela polícia volante e não teria tempo de se equipar para fugir ou reagir. (DUNGA).

Existem várias correntes para definir a origem do cangaço, porém, os principais motivos, causas e efeitos desta criminalidade, teriam sido, entre outras coisas, o culto à valentia e à violência no sertão. A causa do surgimento do cangaço estaria na crescente e visível falta de justiça social no sertão perpetuada pelos grandes latifundiários coronéis, que podiam e mandavam em "tudo". O matuto vivia sob o jugo do coronel, que com os seus jagunços armados protegiam-se de qualquer um que viesse a incomodar ou ameaçar seus domínios.

Os excluídos sociais surgiram com a fome, a seca, a falta de assistência social, juntamente com a brutalidade do coronel e a violência policial, que defendia apenas os interesses da classe dominante. Desse grupo de excluídos sociais surgiu o fanático religioso, que vivia penitenciando e mendigando esmolas, e também o bandido salteador que virou o cangaceiro independente, como elucida Dunga.

Vários autores, dentre eles Queiroz (1997), revelam que, a origem dos cangaceiros era a mesma das volantes (forças policiais), eram fazendeiros, sitiantes, vaqueiros, isto é, os habitantes do sertão seco. Muitos jovens tinham simpatia pelo cangaço, sentiam-se atraídos pelas histórias de lutas, "vida fácil" e fartura. Aderiam aos bandos, como forma de fugir do trabalho duro, diário, da vida difícil do sertão, da seca, da falta de trabalho, da fome. O cangaço proporcionava o sustento assegurado, fama, aventura, roupas vistosas. Contudo, o grande número de adesão ao cangaço deve-se mesmo ao desejo

de vingança, brigas familiares e assassinatos. O cangaço e a polícia eram na época as opções possíveis de emprego para grande parte da população sertaneja, em seus vários níveis socioeconômicos.

O período do cangaço independente coincidiu com a decadência do Nordeste. O empobrecimento geral da população data de fins do século XIX. (QUEIROZ, 1997).

### **Modos de vida**

Os cangaceiros eram silenciosos e ocultos, com passos rápidos e característicos, quando não perseguidos, as alpercatas de couro faziam no chão seco xá-xá-xá denunciando sua chegada. Andavam à noite, por entre os espinhos, pois não andavam por estradas.

Dissimulavam-se pelas caatingas, esgueiravam-se pelas casas, justificando o que o Sinhô Pereira afirmara certa vez: 'cangaceiro é invisível, só é visto quando quer e vê todo mundo sem ser visto...' assim eram Lampião e seu bando, de onde a fama de serem protegidos por forças ocultas, o que aumentava o terror que semeavam. (QUEIROZ, 1997, p.49).

O autor também destaca que, entre um ataque e outro, existiam períodos de descanso, onde os cangaceiros ficavam refugiados em esconderijos, levavam uma vida tranquila, comiam, bebiam e davam festas. Era nesses momentos de lazer que Lampião gostava de costurar e bordar com todo o seu capricho.

De acordo com o que Oliveira (1970) acrescenta, a cozinha no cangaço era improvisada. Faziam fogueiras ou cozinham dentro da terra para a fumaça não servir de sinal e não deixar rastros para a polícia. Para cozinhar os alimentos usavam latas, panelas de barro e batatas de umbu. Para servir usavam cuias de cabaça, pratos de ágata, latas vazias de doce, de manteiga e cuias de queijo tipo reino.

Quando estavam repousando, livres das perseguições e tiroteios, o horário das refeições era habitual. Mas quando perseguidos, a alimentação era incerta e racionada, comiam às pressas, com as mãos sujas. Portanto, a quantidade e a qualidade da alimentação dependiam da situação em que o bando se encontrava. Não existia higiene na alimentação, a água era pouca e

preciosa, como em quase todo o sertão. Por isso, os utensílios não eram lavados. Nas longas caminhadas sentiam muita sede, as cabaças e bogós (pequenos sacos de couro) conservavam a água fria.

A alimentação básica era carne de sol (carne seca de bode e de boi), farinha de mandioca e rapadura. Mas conseguiam também sal, paçoca, leite, queijo, coalhada e bebidas alcoólicas. Quando acampados nas fazendas, a alimentação era bem farta: buchada, panelada, guisado, galinha de cabidela, capão, bode assado, carneiro, carne de arrição, porco, caças, comida de milho, bolo e doce.

O grupo de Lampião gostava de fumar e jogar. Passavam noites jogando partidas de suecas, três sete, trinta e um e sete e meio. Gostavam também de dançar e cantar. Improvisavam bailes, quando se sentiam seguros. Dançavam o xaxado, dança típica dos bandidos, originalmente só de homens, caracterizada pela pisada, representação de um tiroteio. Os bandidos viviam em ambiente grosseiro e ignorante, porém, paradoxalmente, não evitavam o meio civilizado. Liam revistas, livros, folhetos e missais.

Mello, historiador do cangaço, em seu livro *Quem foi Lampião*, relata que, Lampião gostava e incorporava novidades desconhecidas no sertão em geral. É curioso ver a combinação do velho e do novo que Lampião promovia. Ele possuía um espírito aberto às inovações, de certa forma, ia deixando para o passado o velho sertão das superstições, do isolamento, da desconfiança (como norma de sobrevivência), da rigidez de costumes, da presença do demônio nas relações do cotidiano, do fatalismo, da vingança privada, dos padres com vários filhos, do culto à coragem. É espantoso vê-lo num modo de vida tão antigo, conviver tão comumente com avanços da época como gramofone, cinema, telefone, telégrafo, automóvel, caminhão, ônibus, luz elétrica, máquina datilográfica, máquina de costura, garrafa térmica, *flash-light*, binóculo e arma automática, enfim uma gama de produtos refinados.

Lins (1997) acrescenta que, às vezes Lampião interpretava os sonhos. Todo o bando levava a sério a simbologia das imagens e as interpretações. Isso também servia para tornar real a crença de Lampião ser um “verdadeiro iluminado”.



Os cangaceiros independentes, não tinham moradia certa, podendo ser considerados nômades. Oliveira (1970) relata que eles eram forçados a suportar a vida incerta e rude. No labirinto de vegetação agressiva, sentiam o silêncio da noite se quebrar pelo chocalhar das cascavéis, que se aninhavam junto dos ranchos.

Como a água era muito preciosa, servia primeiramente para matar a sede. Os cangaceiros passavam vários dias sem tomar banho, sentia-se um mau cheiro quando passavam. As mulheres tentavam lavar o corpo. Quando encontravam um açude ou caldeirão se banhavam. O cangaceiro geralmente não lavava roupas, quando aparecia oportunidade as lavavam com folhas de juá. Usavam 3 ou 4 calças uma por cima das outras. Quando a calça ficava suja e estragada, era tirada ficando com a segunda limpa e assim por diante, até a última. A essas alturas tratavam de fazer outras. Os bandidos frequentemente costuravam roupas e bornais<sup>3</sup>.

Caminhavam árdua e exaustivamente a qualquer momento sob o sol e a terra quente e sem qualquer habitação. Os objetos eram únicos e pessoais, cada um possuía seu copo, sua colher, seu prato e cabaça para água. Os canecos de alumínio eram envolvidos em saquinhos para não fazer barulho.

### Traje do cangaceiro

‘O cangaço foi uma forma de vida criminal orgulhosa, ostensiva, escancarada. Até mesmo carnavalesca, como no caso do traje, de muito apuro e de muitas cores’. (MELLO, 1993, p. 28).

A riqueza de detalhes do traje do cangaceiro acentua-se no chapéu de couro, no bernal, no lenço de pescoço e nos anéis. O chapéu de couro era um acessório dos mais importantes da indumentária do cangaceiro.

O traje do cangaceiro é um dos exemplos demonstrativos do comportamento arcaico brasileiro. Ao invés de procurar camuflagem para a proteção do combatente, é adornado de espelhos, moedas, metais, botões e recortes multicolores, tornando-se um alvo de fácil visibilidade até no escuro. (VALLADARES, 1971, p. 15).

---

<sup>3</sup> Bolsas conduzida à tiracolo, usadas por cangaceiros e policiais, em tecido resistente, alça larga, demasiadamente enfeitada nas partes visíveis. Usavam duas ou quatro (dependendo da viagem) para carregar munição, alimentos, remédios e roupas. Usa-se também o nome embornal.

Mello (2000) afirma que, a vestimenta dos bandoleiros se mostrava imponente, tanto que, muitos jovens aderiram ao cangaço, fascinados pela beleza do traje dos cangaceiros. A vestimenta do Capitão Virgulino era a que mais se destacava, tornando-o inconfundível entre o bando. O tecido mais comum, o brim, usado nas calças e nas túnicas era o de mescla azul ou caqui. Lampião, porém, preferia o de cor grafite realçado por botões de ouro. Em cima da túnica, estreitadas por dobras e apresilhadas nas pontas, colocava-se as cobertas em forma de X sobre o tórax. Uma de deitar e outra de cobrir, geralmente em chita forrada e com estampas de cores fortes. As de Lampião eram em bramante da melhor qualidade, os seus bornais também seguiam mesmo padrão elevado.

O chapéu concentra a maior quantidade de elementos estéticos e místicos, característicos do traje cangaceiro. 'Como expressão de arte, tem vida própria, podendo ser lido com ou sem o conjunto da vestimenta'. (MELLO, 2000, p.277). Todos os cangaceiros possuíam chapéus ricos e criativos, não existia um igual ao outro e nem diferenciação para os chefes. Era comum o adorno com estrelas de cinco pontas, símbolo de Salomão e flor-de-lis. O chapéu de couro era exclusividade dos homens, não permitido às mulheres, e geralmente tinha as abas levantadas na frente e atrás.

Figura 1: Chapéu de couro de chefe de cangaceiro



Fonte: MELLO, 2000

O chapéu de couro era feito de couro de cabra, carneiro ou veado. Evoluiu da aba grande para a curta, tendência mais urbana. Os cangaceiros tinham o hábito de quebrar a aba do chapéu e rebater para cima enfeitando-a com exagero e luxo. Essa tradição de rebater a aba para cima veio da estética do poder colonial, como também servia para facilitar a corrida contra a barragem de vento, além do imperativo de “ver acima dos olhos”. A aba traseira, quando grande era também rebatida para não roçar nos ombros. Mello (2000) complementa que, as grandes abas levantadas serviam para circulação de ar em torno da copa do chapéu.

Em tempos de muita chuva, Lampião permitia o uso do chapéu de feltro, similar ao de couro, com a finalidade de evitar o mofo preto e o peso do couro encharcado<sup>4</sup>.

Toda riqueza e consistência artística do chapéu dos cangaceiros vêm da combinação dos elementos, para a formação do conjunto do objeto. Pois os elementos de adorno, isolados, não possuem valor artístico (couro, tecido, ilhoses, fitas, metais). Mas o seu conjunto em harmonia, é que gera a chamada arte de síntese, observa peculiarmente Mello (2000). As técnicas e materiais de adornos aplicados nos chapéus são também encontrados nas outras partes de couro do traje dos cangaceiros.

O autor revela ainda que a ferragem sertaneja (cutelaria) era bem diversificada. Entre os cangaceiros, os punhais mereciam certo destaque, pelo tamanho, riqueza material e sedução sinistra de seus desenhos.

Os punhais eram símbolos de status. O de Lampião era de 80 cm, e ninguém no bando podia possuir maior que este. Ele usava-o com estilo, em diagonal nas cartucheiras de cintura, sobre o abdome, sempre à vista, de aço da melhor qualidade, cabo de feitio sertanejo, à base de liga de prata lavrada, marfim, osso ou chifre de boi, alianças de ouro incrustadas (tomadas dos inimigos) nas bainhas, algumas mais modestas feitas de couro ornamentado (MELLO, 2010). As mulheres também possuíam belos punhais, mas em tamanhos menores.

---

<sup>4</sup> Depoimento do pesquisador Frederico Pernambucano de Melo a autora.



Mello (1993) analisa que o bornal era outro elemento bastante significativo no traje dos cangaceiros, confeccionado em lonita (tecido grosso de algodão, porém menos encorpado que a lona), de cor clara, tão bordado com flores e frisos que o tecido de baixo desaparecia. As combinações de cores dos galões eram: vermelho ou azul pontilhado no caqui, amarelo sobre mescla azul, azul do céu sobre azulão carregado (mais raro). As flores eram bordadas à máquina em ponto corrido, também chamado ponto matiz. ‘Vinham tão ornamentados e ataviados de cores berrantes (lenços vermelhos, bolotas nos chapéus) que mais pareciam fantasiados para um carnaval’<sup>5</sup>.

Figura 2: Jogo de bornais do cangaceiro Zé Baiano: as flores da Bahia



Figura 1: MELLO, 2000, p.289

Ainda segundo Mello (2000), os bornais representavam dois terços das cores, na indumentária dos cangaceiros. Eram enfeitados nas partes que ficavam á vista. Os macacos (policiais) também usavam bornais. Dependendo da ocasião, os bornais eram usados para colocar balas (além das cartucheiras), alimentos, remédios e roupas. Os bornais de bala ficavam por cima dos outros, para o seu peso não ferir o corpo, na caminhada. O conjunto de bornais era colocado por cima das cobertas atadas em X ao tórax, sobre a túnica. Os botões da tampa geralmente eram de ouro ou prata. O conjunto de bornais

<sup>5</sup> Demóstenes Martins de ANDRADE (testemunha da entrada de Lampião em Tucano, Bahia, 1928), diário de Notícias, Salvador, Bahia, 14 de janeiro de 1929. Apud Frederico Pernambucano de MELLO, 1993. p.39.

possuía uma pala horizontal do mesmo tecido e também ornamentada, que unia as alças diagonais, permitindo que os cangaceiros rolassem pelo chão, sem que a estrutura saísse do lugar. Geralmente, o peso do conjunto de bornais era superior a 20 kg.

O traje dos cangaceiros era de fato muito rico, amarravam lenços no pescoço que iam da seda pura inglesa ao tafetá francês. Estampados em cores fortes possuíam monogramas e davam um toque muito fino ao visual.

O lenço de pescoço de 80 x 80 cm, em bramante, seda ou tafetá, segundo hierarquia informal, servia para distinguir as patentes dentro do bando: o recruta, o cabra e o chefe. Outro sinal de poder era o modo como se dava o nó do lenço no pescoço, o cangaceiro ia colecionando alianças de ouro, quando formava o cartucho, era considerado rico (MELLO, 2010).

Lampião era sempre o primeiro a criar estilos, depois seguidos pelos bandoleiros. Como por exemplo, o uso de anéis em quase todos os dedos das mãos. Alguns com esmeraldas, outros com rubis, brilhante solitário ou em chuva; pois amava ouro e pedras preciosas. Alguns dedos recebiam mais de um anel.

Segundo Melquiades da Rocha (1940), foram encontrados em Angico, no acampamento nas margens do São Francisco, vários pertences de Maria Bonita, como por exemplo, muitas peças de roupa, vestidos de feitiço singelo, mas modernos, com *fecho éclair*, vários objetos de toalete (sabonetes, *rouge*, batom), como também, dois pares de luvas de fio de algodão, bordadas com muito capricho. ‘... e não podemos deixar de convir em que apesar de todos os pesares, há ali progresso...’ (Ezechias da Rocha apud ROCHA, 1940, p.47).

Até nos modelos para uso em combates, existia certa elegância. Os homens usavam uniformes de alvorada grossa e as mulheres saias e blusas bem acabadas de mescla azul clara, de mangas compridas, meia perneira de lona, alpercatas, decote alto e chapéus de feltro. Nos cabelos usavam tranças e cocós e para enfeitar usavam fivelas e grampos. As unhas eram curtas e usavam pouca maquiagem, apenas ruge e pó-de-arroz. Algumas cangaceiras, inclusive Maria Bonita, nas festas e tempos de trégua, usavam luvas de couro ou de tecido finamente bordado, com certa nobreza nos traços e nas nervuras.

Os homens, além da elegância e exuberância dos uniformes, usavam óculos escuros, chapéus enfeitados, lenços, anéis, alguns exibiam dentes de ouro que surgiam em meio ao alucinante desfile de signos.

Figura 3: Vestido de batalha de Maria Bonita e alpercatas de rabicho de Lampião



Fonte: MELLO, 2000, p.288

### **Cangaço como temas de pesquisa e criação**

Diante desse breve mapeamento do modo de vida do cangaço proponho olhar para esse tema como rica fonte de possibilidades de estudos e inspirações. O quadro abaixo mostra uma seleção de áreas do conhecimento que podem se beneficiar - dentre os vários níveis de estudos, pesquisas e trabalhos – dos diversos temas presentes da historiografia do cangaço.

Creio que o modo de vida do cangaço, vivenciado no sertão seco, cultuando vinganças e violências pode ser usado como alento em trabalhos tanto de sociologia, antropologia, cinema, artes plásticas, como também em trabalhos de moda e design.

Por outro lado, a rica alimentação dos cangaceiros pode ser o centro de uma pesquisa que analisa como e quais alimentos podem ajudar a suportar longas caminhadas num clima quente e seco como no sertão. Abordando também quais alimentos proporcionam mais energia e disposição.

Figura 1: Temas de pesquisa em algumas áreas do conhecimento.

<b>CANGAÇO</b>		
<b>Área do conhecimento</b>	<b>Níveis de Ensino e pesquisa</b>	<b>Temas (sugestões/exemplos)</b>
Moda	IC	Escolha e estudo das cores
Design	TCC	Estudo da simbologia (flor de lis, signo de Salomão, cruz de malta, octógono)
Antropologia	Monografia de especialização (Pós-graduação Lato Sensu)	Modos de vida na seca/sertão
Sociologia	Dissertação de mestrado (Pós-graduação Stricto Sensu)	Uso de novas tecnologias
Nutrição	Tese de doutorado (Pós-graduação Stricto Sensu)	Irreverência/arbitrariedade/bandidagem
Cinema		Formas de poder
Artes plásticas		Vingança e violência
Musica		Nomadismo
		Vegetação e clima
		Alimentação
		Religiosidade

Fonte: elaborado pela autora

As vestimentas coloridas, brilhantes e vistosas dos cangaceiros contrastam fortemente com o modo de vida clandestino. Em vez de procurarem camuflagem e anonimato, se mostram exuberantes e festivos desafiando os poderes políticos, sociais e militares. A seleção de cores usadas pelos



cangaceiros podem tanto revelar teses inéditas, como servir de inspiração para uma coleção de verão.

Os cangaceiros viviam inseridos num misticismo religioso, cheios de cultos, ricos de histórias contadas, juradas, mas não comprovadas. Na simbologia do cangaço está presente a flor de lis, o signo de Salomão, a cruz de malta, o octógono, dentre outros. Vejo aí uma farta oportunidade para estudos diversos, onde destaco desenvolvimento e criação de objetos, joias e acessórios de moda, a título de exemplo.

Convém reconhecer que o cangaço já vem sendo usado como fonte de inspirações diversas. Como por exemplo, a coleção *Cangaço* que foi fruto da parceria dos irmãos Campana com Espedito Seleiro onde aliaram os ornamentos dos couros usados nas vestimentas dos cangaceiros com a palha trançada que Michel Thonet popularizou (<http://casavogue.globo.com>). Ou até mesmo as diversas coleções exibidas nas passarelas desde Zuzu Angel a Alexandre Herchcovitch já tiveram os ricos personagens do cangaço como inspiração (<http://www.lilianpacce.com.br/e-mais/cangaco-uma-retrospectiva-do-filme-da-vera-cruz-aos-campana/>).

Contudo, devemos ir além da simples escolha de temas oriundos do cangaço como fonte de inspiração. Podemos mesmo explorar o modo de vida dos cangaceiros. Realmente, muito do comportamento, da moda e das tendências dos cangaceiros, continua bem vivo, bem atual. Mas essa discussão deixo para outra oportunidade.

Figura 2: Motivos de inspiração

CANGAÇO		
Área do conhecimento	Mercado de trabalho (profissionais)	Inspiração
Moda	Criação e desenvolvimento de coleções de roupas	Cores
Design	Criação e desenvolvimento de tecidos	Simbologias (flor de lis, signo de Salomão, cruz de malta, octógono)

Criação e desenvolvimento de joias e bijuterias

Modos de vida na seca/sertão

Criação e desenvolvimento de sapatos e acessórios

Bordados (tipos, cores e formas)

Criação e desenvolvimento de objetos utilitários

Embornais

Criação e desenvolvimento de mobiliário

Vegetação e clima

Nomadismo

Armas de fogo

Punhais

Fonte: elaborado pela autora

### Considerações finais

Na medida em que considero o cangaço uma cultura popular bastante particular, enxergo muitas características da cultura popular descrita por Cuche (2002), na qual encontra-se uma reunião de elementos originais e importados, tanto de invenções próprias, como de empréstimos; de grupo subalterno; construída em uma situação de dominação, onde os dominados reagem à imposição cultural pela ironia, provocação; uma cultura de contestação; um modo de resistência sistemática à dominação.

Convém reconhecer que, a historiografia do cangaço é bem extensa. Assim, descrevi algumas de suas características com o objetivo de especular sobre a diversidade de usá-lo e explorá-lo como fonte de estudos e pesquisas, tanto acadêmicas como profissionais.

Em vários níveis da área acadêmica, de TCC ao doutorado, o cangaço pode ser tema de estudo, inclusive em varias áreas do saber como sociologia, antropologia, design, moda, etc. Já em se tratando de pesquisas profissionais o cangaço também pode ser considerado uma matéria para desenvolvimento de coleções de roupas, objetos, acessórios, tecidos, etc.

Por fim, o que me fascina é constatar como um fenômeno que durou 17 anos (de 1921 a 1938, portanto, em 2018 estará completando 80 anos da sua extinção) continua vivo, não só na cultura e lendas populares, mas em diversas manifestações. O meu pensamento se dirige para olhar a nossa própria cultura, que inclui perceber o fazer arcaico, popular, antes de qualquer coisa.

### Referências

CASA VOGUE. Campanas criam com inspiração no cangaço. disponível em: <http://casavogue.globo.com/Design/Gente/noticia/2015/04/campanas-criam-com-inspiracao-no-cangaco.html>. Acesso em: 03 de set. 2017.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2ª ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DUNGA, Paulo. **O fenômeno cangaço**. Disponível em: <<http://www.paulodunga.hpg.ig.com.br>>. Acesso em: 20 jan. 2003.

PACCE, Lilian. Cangaço, uma retrospectiva: do filme da Vera Cruz aos Campana. Disponível em: <https://www.lilianpacce.com.br/e-mais/cangaco-uma-retrospectiva-do-filme-da-vera-cruz-aos-campana>. Acesso em: 20 jan. 2003.

LINS, Daniel. **Lampião, o homem que amava as mulheres**. São Paulo: Annablume, 1997.

MELLO, Frederico Pernambucano de. *Quem foi Lampião*. Recife/Zürich: Stahl, 1993.

MELLO, Frederico Pernambucano de. "A estética do cangaço como expressão do irredentismo brasileiro". In **Mostra do Redescobrimto**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo. 500 anos Artes Visuais, 2000. (catálogo).

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Estrelas de couro: a estética do cangaço**. São Paulo: Escrituras Editora, 2010.

OLIVEIRA, Aglae Lima de. **Lampião, cangaço e nordeste**. 3. ed. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1970.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Historia do cangaço**. 5. ed. São Paulo: Global, 1997.

ROCHA, Melquiades da. **Bandoleiros das catingas**. Rio de Janeiro: A noite, 1940.

13°

COLÓQUIO  
DE MÓDA

11 a 15 OUTUBRO DE 2017 - UNESP Bauru - SP

VALLADARES, Clarival do Prado. "Arte de formação e arte de informação". In **Folkcomunicação**, São Paulo: Escola de Comunicação e Artes, 1971.



APOIO



REALIZAÇÃO

